

A reportagem de João Antônio analisada sob as categorias Acontecimento, Narrativa e Conhecimento Jornalísticos¹

Jônatas Oliveira da COSTA²

Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS)

Resumo

Este artigo é um resumo da dissertação de mestrado “Acontecimento, narrativa e conhecimento no jornalismo: um estudo sobre a reportagem de João Antônio” (COSTA, 2014), de mesma autoria. Trata-se de um trabalho sobre jornalismo literário, cujo objeto é composto por reportagens produzidas pelo escritor-jornalista João Antônio. Por meio de pesquisa bibliográfica histórico-teórica acerca de estudos consagrados nas áreas de jornalismo e literatura, chegou-se à três categorias de análise, quais sejam: acontecimento jornalístico, narrativa jornalística(-literária) e jornalismo como conhecimento. O trabalho buscou identificar e examinar a presença desses conceitos na obra jornalística de João Antônio, mais especificamente numa amostra de reportagens suas, publicadas em jornal ou revista.

Palavras-chave

jornalismo; literatura; acontecimento; narrativa; conhecimento.

Introdução

João Antônio Ferreira Filho (1937-1996) foi um escritor brasileiro que se destacou sobretudo como contista e que, paralelamente à carreira literária, exerceu diversas funções como jornalista. Foi repórter, editor, cronista, colunista e crítico dos principais veículos da imprensa nacional, em sua época. Ao longo de toda a vida, jamais abandonou, nem a literatura, nem o jornalismo. Conjugou as duas atividades, enriquecendo uma e outra com as influências que ambas sofriam.

A obra de João Antônio foi um dos exemplos pioneiros, no Brasil, de um estilo misto – tanto na escolha dos temas como na elaboração textual – de jornalismo literário. Seus livros e reportagens caracterizam-se por temas que retratam a realidade das classes mais baixas da sociedade brasileira – o lumpemproletariado, a escória, os excluídos – com uma linguagem literariamente menos pomposa e mais próxima da dos seus personagens.

¹ Trabalho apresentado no GP Teoria do Jornalismo, XIV Encontro dos Grupos de Pesquisas em Comunicação, evento componente do XXXVII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

² Mestre em Comunicação Social, email: jonatascosta@me.com

Na dissertação de mestrado “Acontecimento, narrativa e conhecimento no jornalismo: um estudo sobre a reportagem de João Antônio” (COSTA, 2014), buscou-se inicialmente trazer os resultados de extensa pesquisa bibliográfica sobre os diferentes contextos históricos em que se deram as aproximações entre jornalismo e literatura, no Brasil. Optou-se por este levantamento para que a obra de João Antônio pudesse ser compreendida em seus vários aspectos: o escritor que vai trabalhar como jornalista, como forma de sobrevivência e divulgação de sua criação – situação vivida por tantos outros, antes e depois dele; a tradição realista da literatura brasileira; a influência de Lima Barreto, dos neo-realistas da década de 1930 e do *new journalism*, em sua obra; a escolha de personagens do submundo e a denúncia social que o autor faz, entre outras práticas.

Em seguida, reconstruiu-se a trajetória profissional de João Antônio, desde o nascimento e a descoberta para o mundo das letras, passando pelo apogeu de sua produção literária e jornalística – nas décadas de 1960 e 1970 – até sua morte prematura, em 1996, ano em que publicou três livros, ou seja, ainda em profusa atividade. A ideia é entender as matrizes de influência do escritor, dentro da tradição literária e jornalística brasileira, além de perceber as características do tempo em que ele desenvolveu sua obra.

A metodologia utilizada consiste na pesquisa bibliográfica histórica sobre jornalismo e literatura; na categorização teórica sobre aspectos fundamentais das duas áreas, e de suas eventuais confluências; e na análise comparativa entre essas categorias e uma amostra de reportagens de João Antônio, produzidas para publicações jornalísticas. Para que se alcance os resultados desejados, vale-se das ideias de estudiosos como Lavina Ribeiro (2004), Marcelo Bulhões (2007), Rodrigo Lacerda (In ANTÔNIO, 2012), Carlos Alberto de Azevêdo Filho (2002). A primeira categoria teórica, *acontecimento jornalístico*, baseia-se nos dois primeiros volumes do projeto “Tecer: Jornalismo e acontecimento”, que une pesquisadores de quatro programas de pós-graduação em Comunicação Social do sul do país; a segunda categoria, *narrativa jornalística(-literária)*, inclui autores como Tom Wolfe (2005), John Hollowell (1977), o próprio João Antônio (1975) e Luiz Gonzaga Motta (In LAGO; BENETTI, 2008), além das classificações de gênero no jornalismo literário trazidas, principalmente, por José Marques de Melo e Francisco de Assis (2010); e na terceira categoria, *jornalismo como conhecimento*, emergem as ideias de Adelmo Genro Filho (1987) e Eduardo Meditsch (1992). O pensamento de Muniz Sodré (2009) permeia todas as três categorias elencadas.

Para exemplificar a análise feita na dissertação, foram escolhidas as reportagens: “Quem é o dedo-duro?”, da edição de julho, “Um dia no cais”, de setembro, e “É uma revolução”, de novembro – todas do ano de 1968 – da revista **Realidade**. Por conta da notoriedade e da importância da produção desse período dentro de sua obra, optou-se por apresentar, neste artigo, a incidência de uma das três categorias, a título de exemplo, sobre essas três reportagens – a dissertação traz um *corpus* composto por cinco reportagens.

Análise da categoria *acontecimento jornalístico* em “Quem é o dedo-duro?”

É importante observar que, nesta reportagem, revela-se um dos traços marcantes da obra de João Antônio: a opção por personagens oriundos do submundo, da escória social brasileira. Quando levanta as origens de José, o repórter apresenta o perfil de um excluído, filho de família pobre, com muitos irmãos, suburbano, que, ao atingir a idade adulta, é pressionado por seu pai a trabalhar, mas prefere *cair no mundo*. Após esmolar, ser engraxate e conseguir alguns subempregos na Capital, acaba ficando próximo de criminosos e se tornando a presa ideal para ser aliciado por investigadores de polícia como um delator, atividade perigosa e própria de párias da sociedade. Esta escolha é condizente com as ideias defendidas por João Antônio em seu manifesto “Corpo-a-corpo com a vida”, publicado no livro **Malhação do Judas carioca** (1975) em que preconizava uma literatura e um jornalismo que trouxessem à luz a realidade de um Brasil em suas camadas sociais mais esquecidas.

“Quem é o dedo-duro?” foi uma das primeiras reportagens produzidas pelo escritor para a revista **Realidade**, publicação que lhe deu liberdade editorial para exibir o estilo original de seu texto jornalístico. Posteriormente, no ano de 1982, João Antônio lançou **Dedo-duro**, livro que resgatava este trabalho e trazia, ainda, outras reportagens e contos. Verifica-se, portanto, que, conforme ressaltado anteriormente, o escritor procurava não estabelecer separações entre o jornalismo e a literatura em sua produção.

Quanto à primeira categoria teórica deste estudo, o *acontecimento jornalístico*, o que se vai buscar, neste e em cada um dos textos analisados, é, primeiramente, identificar que tipo de acontecimento está sendo retratado (construído). No caso em tela, começa-se fazendo a pergunta: por que o perfil de um *dedo-duro* é notícia?

Em linhas gerais, pode-se afirmar que os autores da série “Tecer: Jornalismo e acontecimento” dividem os acontecimentos em pelo menos duas classificações: aqueles que

causam grande descontinuidade na vida social – como exemplo contemporâneo emblemático, pode-se citar os ataques de 11 de setembro de 2001 – e aqueles próximos da existência rotineira, que já vêm à tona mais mediatizados. Sem dúvida, “Quem é o dedo-duro?” não trata de um acontecimento do primeiro tipo, também próximo da chamada *secundidade*, como definiu Ronaldo Henn (In BENETTI; FONSECA, 2010) – ou também na acepção de Daisi Vogel (Ibid.), para quem o acontecimento seria produto de uma ruptura *maior* do que os fatos corriqueiros que geram notícias – do tipo causador de desordens ambientais ou sociais; ou ainda um *macroacontecimento*, conforme denominado por Muniz Sodré (2009).

A notícia em exame se enquadraria no segundo tipo, porque emerge por meio de seu registro cultural, como descrito por Vogel (In BENETTI; FONSECA, 2010), exatamente na forma de reportagem jornalística. Seria um acontecimento mais próximo do que Henn (Ibid.) chamou de *terceridade*, ou seja, de sua representação narrativa pela linguagem jornalística. Para o mesmo autor, é o jornalismo (In BENETTI; FONSECA, 2010, p.87), “com seus códigos específicos, lógicas e processos de produção”, que assume a responsabilidade de “discernir para a sociedade a própria relevância do acontecimento”. Ao que tudo indica, a ideia de revelar o perfil de um delator surgiu, senão da mente do próprio João Antônio, de dentro da redação da revista **Realidade**, que possuía toda uma bagagem de cultura profissional jornalística e uma linha editorial notoriamente desafiadora de tabus e conhecida por procurar escapar ao senso comum, na escolha de suas pautas. Além do mais, o contexto policalesco e repressivo da época parece colocar no horizonte jornalístico como oportuna uma matéria deste tipo, mesmo que o dedo-duro não esteja diretamente ligado à repressão política.

A matéria foi, portanto, publicada em uma revista, de periodicidade mensal, e com seus códigos e linguagem jornalísticos próprios. Márcia Benetti, Laura Storch e Paulo Finatto (In LEAL; ANTUNES; VAZ, 2011, p.59) destacam que, “embora seja impressa e embora seja jornalismo, a revista é diferente do jornal; para a revista são permitidas certas liberdades criativas, em texto verbal e imagem, que provavelmente seriam rejeitadas no jornal”. Ressaltam, ainda, os aspectos da periodicidade, que podem definir temas e abordagens, e do suporte (formato, tipo e gramatura do papel, encadernação grampeada, qualidade da impressão), que confere maior durabilidade física da revista e, por conseguinte, temas que podem perdurar por semanas ou meses após a publicação.

Uma vez que se está tentando reconstruir aqui a iniciativa de pauta de “Quem é o dedo-duro?”, é válido que fazer um exercício semelhante ao de Sodré (2009) e pensar em alguns *valores-notícia* diante da presente reportagem. Pode-se afirmar que possui atualidade (considerando o *tempo* de revista), proximidade (São Paulo), impacto (a descoberta deste modo questionável de a polícia obter informações chama a atenção) e interesse público (a atuação da polícia, serviço público), para citar somente alguns dos valores levantados por Sodré.

Para este, o acontecimento é um modo de tratamento, de representação social do fato, no qual se constrói um *enredo* e se faz um *enquadramento* técnico. Ou seja, Sodré (2009) comunga das ideias de autores citados anteriormente, para os quais a notícia é construída no seu processo de mediatização, de narrativa, segundo parâmetros jornalísticos (apuração de dados e informações, entrevistas, redação e edição de textos). Trata-se, ainda, de uma interpretação singularizante do fato. Estas características apresentam-se notadamente presentes na reportagem em análise. Um de seus traços mais relevantes é justamente a construção do enredo acerca da trajetória do personagem principal, em que o repórter se vale de elementos afins à ficção para desenvolver uma narrativa que conquiste o leitor – o que será melhor abordado a seguir.

Há que se perceber, ainda, o caráter *sensível* dos acontecimentos, sua inscrição no registro afetivo de mundo, ou seja, a constituição de uma narrativa de práticas humanas, dentro de uma delimitação temporal, periódica. Parece se encaixar com propriedade, na reportagem em exame, essa qualidade sensível da notícia – que, de acordo com Sodré (2009), pode mais influenciar do que informar o público – que faz emergirem novos atores sociais no espaço público, vozes antes silenciadas. Este seria, na verdade, um dos aspectos mais marcantes de toda a obra de João Antônio: dar voz às categorias mais rejeitadas da sociedade, como é o caso de Zé Peteleco, um sujeito de origem pobre e com poucas oportunidades de trabalho digno, que com facilidade acaba se envolvendo com o mundo do crime.

Ainda segundo Sodré (2009, p.89), o acontecimento jornalístico é também “marcação semiótica do fato por meio de uma pontuação rítmica, de uma escansão. O fato é pontuado ou escandido pelo código de produção da informação pública”, por um valor rítmico que lhe é atribuído, de acordo com a cultura profissional dos jornalistas. Neste ponto, posso conjecturar que, para que a pauta fosse escolhida, levou-se em consideração as possibilidades de ela render uma boa narrativa, de atrair o público leitor da revista, de se

vincular a um grupo social, entre outros códigos da cultura jornalística, determinantes para que ocorra a *marcação* de um fato. Mais que isso, aludir, de modo paralelo, a um assunto muito presente na sociedade brasileira de então – a delação – ainda que sem tocar no tema principal, o sistema ditatorial policialesco.

Análise da categoria *narrativa jornalística(-literária)* em “Um dia no cais”

Este texto é tido como um clássico da produção jornalístico-literária de João Antônio. Rotulado, pelo próprio autor, como o primeiro *conto-reportagem* brasileiro, “Um dia no cais” foi publicado primeiramente na edição 30, de setembro de 1968, da revista **Realidade**, junto com o trabalho do fotojornalista Jorge Butsuem. Depois, reapareceria como “Cais”, somente, no livro **Malhação do Judas Carioca** (1975). No texto, João Antônio descreve detalhadamente típicas 24 horas nos arredores de um dos maiores portos do mundo, o Porto de Santos. Recentemente, quando completou 40 anos, a reportagem recebeu uma *homenagem* pela revista **Brasileiros** – publicação que procura se inspirar em vários aspectos na revista **Realidade** – que refez os passos de João Antônio e, por meio do trabalho do repórter Leonardo Fuhrmann, traçou novo panorama da vida no local, chamado “Outras noites no cais”³.

Para produzir “Um dia no cais”, como descreve a própria linha de apoio do título, João Antônio viveu um mês no entorno do cais de Santos e, a partir dessa apuração, escreveu uma perspectiva de vários ângulos, quase uma *etnografia* sobre o dia e a noite no porto. De dia, o trabalho na estiva, a chegada e partida de navios, a rotina de famílias pobres, de moleques jogando futebol e trabalhando como engraxates nas ruas. À noite, as aventuras dos estrangeiros pelo cais, a vida das prostitutas e dos donos de cabarés e restaurantes. Tudo isso, desenrolado das cinco horas da manhã de um dia até o amanhecer do próximo. O leitor acompanha as duas protagonistas da história, Rita Pavuna e Odete Cadilaque, profissionais do sexo, à espera de um gringo para ser *enganado*. No caminho delas, os detalhes do cais do porto e de suas redondezas vão sendo narrados. Uma realidade brasileira, pobre, suja, marginal e bandida. O submundo, a descrição da escória, que fariam a fama de João Antônio e tornariam “Um dia no cais” a sua mais notória e conhecida reportagem. Nela, o escritor-jornalista parece ter conseguido alcançar todos os objetivos que buscava. Uniu literatura e jornalismo a ponto de fundi-los.

³ Disponível em <http://www.revistabrasileiros.com.br/2008/11/26/outras-noites-no-cais/#>. Acesso em 17 de fevereiro de 2014.

A mistura de jornalismo e literatura aparece já na apresentação, quando o texto é nomeado como *conto-reportagem*. O termo *conto* dá liberdade ao autor de fazer uso da ficcionalidade, na reportagem, e traz ao leitor a dúvida sobre a veracidade de personagens como Rita Pavuna e Odete Cadilaque. Mas isto não prejudica o caráter jornalístico do trabalho. Esses são os personagens que povoam o cais e João Antônio apresenta suas histórias com bastante verossimilhança. As informações estão todas ali, como em uma clássica reportagem que buscasse descrever a vida no cais de Santos. Trata-se, de fato, da categoria do *tipo*, elaborada por Georg Lukács (1978, p.33), que assim a descreve:

Na representação do tipo, no criação artística típica, fundem-se o concreto e a norma, o elemento humano eterno e o historicamente determinado, o momento individual e o momento universal social. É na representação típica, pois, na descoberta de caracteres e situações típicas, que as mais importantes tendências da evolução social conseguem uma expressão artística apropriada.

O *típico* se expressaria na particularidade de uma obra. Um procedimento estético de caracterização, dinâmico, isto é, que não inclui todos os conjuntos possíveis de caracterização, mas resume um determinado conjunto. Segundo Antonio Hohlfeldt (1998, p.249):

Numa obra de arte, existem diferentes personagens típicas, cada qual com uma função específica, iluminando-se umas às outras, segundo as situações vivenciadas, de modo a apresentar ao leitor – no caso do romance – ações exemplares que, na sua particularidade, podem ser imediatamente apreendidas enquanto universalidades.

Os personagens de “Um dia no cais”, principalmente Rita Pavuna e Odete Cadilaque, são a encarnação exemplar de particularidades, ou seja, refletem um conjunto de sujeitos e modos de vida do cais de Santos – e, de certo modo, de qualquer cais do mundo. Exatamente como na ideia de *típico* de Lukács.

Com tudo isso, o que dá impacto e atrai o leitor, na reportagem analisada, é mesmo o parâmetro analisado pela segunda categoria: a narrativa. É claro que, mais uma vez, e agora de forma ainda mais clara, formas consagradas pelo modelo norte-americano, como o *lead* e a *pirâmide invertida*, não são respeitadas pela reportagem, justamente porque esta procura transgredir parâmetros tradicionais do fazer jornalístico. Não deixa de guardar alguma proximidade com a crônica, no que diz respeito a retratar um cenário inteiro, rico em histórias e personagens – lembrando um pouco a temática de João do Rio, em **A alma**

encantadora das ruas (1908), por exemplo – porém, sem as características de destacar a personalidade e a fala do autor, próprias desse tipo de gênero. Na crônica, havia sempre um *tu* com o qual o escritor dialogava, criando intimidade, segundo Sodré (2009). Não é o caso da reportagem ora analisada.

O narrador de “Um dia no cais” é onisciente e a forma heterodiegética, embora João Antônio cometa pequenos deslizamentos para a primeira pessoa do plural. A apresentação sob forma de conto-reportagem aparentemente libera o autor de preocupações com a criação de *efeitos de real* ou *estratégias de objetivação*, levantados por Motta (In LAGO; BENETTI, 2008). Todavia, muitas dessas táticas estão presentes no texto. A mais visível delas é a marcação das horas (afirmação do presente): cinco, seis e meia, sete e dez da manhã ou cinco da tarde figuram no texto. Outros recursos são a identificação de lugares ou o uso de números, como no trecho abaixo.

Cooperativas dos portuários. Casas para turistas. Botequins, adegas sem nome. Armazéns e vendolas. Akropolis Bar (served by girls). Restaurante Tai Ping. Hotéis. Hotelecos. Padaria Ribatejo. Barbearias infamantes, dois cruzeiros novos o corte de cabelo. Bazares improvisados. Vende-se fogos. Farmácias e açougues. Morning Star Bar (ANTÔNIO, 1968, s.p.).

Contudo, não há como negar que o que domina a narrativa são *estratégias de subjetivação*, segundo o conceito de Motta (In LAGO; BENETTI, 2008). Há um tom poético em toda a narrativa, que visa a cativar e mexer com as emoções do leitor. O trecho abaixo exemplifica:

O que se chama noite não vem da luz elétrica. Nem das lâmpadas dos trilhos dos bondes se atirando sobre os paralelepípedos. Nem vem da lua ou das estrelas no céu, depois do lusco-fusco, hora muito fanada que pinta de preto casas, homens, mulheres e viventes do cais. Noite, noitão – aquela acesa, que se abre para a vida, arrebenta, é quando se acendem os luminosos dos cabarés. E a rua fica acordada.

O cais muda de cor e de tom num lance. Há uma lei nas ruas. Uma danação: a rua está tocada. Sopra uma alegria. Um sentimento feroz vai varrendo. Viver (ANTÔNIO, 1968, s.p.).

Ou ainda neste excerto que encerra o texto:

A madrugada desfiou e vai se indo. Chega, aos poucos, um sopro frio da beira do mar. O céu está que é um breu e vai ganhando, devagar, um toque azul. As rádios ressoam as primeiras músicas caipiras.

Um tom azul, chumbado. Há, no entanto, alguma coisa precisa, forte, meio avermelhada num ponto ali no horizonte. Sanguíneo, já violento, um ponto querendo rasgar, vermelho, no céu. Explodir. E gritar de cor ali.
Mas a hora ainda é neutra. A noite acaba. O dia acaba. A lua sumiu.
Os primeiros homens da estiva começam a chegar (ANTÔNIO, 1968, s.p.).

João Antônio não queria filiar-se a nenhum movimento literário, deixou isto claro no manifesto “Corpo-a-corpo com a vida” (ANTÔNIO, 1975). Contudo, seria ingênuo pensar que, por sustentar que se praticasse um texto *antibeletrista*, escrevia de maneira espontânea e despreocupada com a forma. Seu foco principal é retratar uma realidade, no entanto, o autor vai aumentando suas investidas em diferentes formatos, a cada reportagem. E expõe aí seu cuidado com a colocação de cada palavra ou frase. A reportagem é um mergulho num ambiente ao mesmo tempo conhecido, no sentido de se saber de sua existência e importância, e ao mesmo tempo desconhecido (em sua essência) dos brasileiros. João Antônio quer experimentar novos jeitos de se fazer literatura no país; e o escritor vê na revista **Realidade** uma plataforma para sua exploração. Neste texto, o jornalista como que leva o leitor pela mão – *voyeur* virtual – a lugares onde ele, normalmente, não poderia ou teria coragem de chegar.

Das ferramentas textuais elencadas por Wolfe (2005) e Hollowell (1977), acerca do *new journalism*, pode-se ressaltar, principalmente, a *construção cena a cena*. O conto-reportagem acompanha o trajeto de seus dois personagens principais e, com isso, vai relatando diversas cenas das quais eles participam ou que ocorrem ao seu redor. Há a cena inicial, da briga entre as duas; depois, Odete fica dormindo e o cais movimentava-se à sua volta; Rita caminha na direção dos armazéns 5-6; as duas prostitutas envolvem os estrangeiros, dentro do estúdio de tatuagem; ou os dois casais entram e saem de uma boate. Estas cenas são entrepostas por outras, menores, onde se mostram atividades sociais corriqueiras do cais, como o menino atravessando o local de bicicleta; a rotina de trabalho dos estivadores ou a chegada de estrangeiros no porto. Ou, ainda, como na cena retratada no trecho abaixo:

Uma mãe, mais duas filhas. Metem o menor na sacola e o vão levando de gostoso. Como uma coisa comprada na feira. O menino contente como um passarinho. Vai sorrindo na manhã, tem um ano e meio no cais.
Foi quando a garrafa de óleo, que o irmão maior carregava, escorregou, escapuliu, caiu e se espatifou. É que ele foi chutar uma laranja no chão. O moleque está fulo. Um palavrão.
A mãe já ia bater, pela garrafa quebrada. Agora boqueja com vontade:
– Olha essa língua, desgraçado! Satanás! (ANTÔNIO, 1968, s.p.).

O *registro de diálogos* também figura na reportagem, embora de maneira mais contida, em algumas passagens, como na briga de Rita e Odete. Novamente, o ponto-de-vista não é, narrativamente, o de um dos personagens. Mas o ângulo de narração mostra que o próprio João Antônio imergiu intensamente na rotina do cais de Santos, adquirindo, mais uma vez, os hábitos e o linguajar, e conseguindo captar, com bastante propriedade, o clima do local. A linguagem empregada provém do convívio do repórter com os frequentadores do porto, onde ele permaneceu por um mês para fazer sua apuração. Daí, escreveu sua reportagem, pela ótica de dentro para fora, olhando desde o nível dos portuários. É difícil para o leitor imaginar que o texto pudesse obter o resultado que produziu sem que o repórter tivesse vivido de perto aquela realidade. Trata-se da forma determinada pelo tema e pelo contexto, de que fala João Antônio em “Corpo-a-corpo com a vida” (ANTÔNIO, 1975). Como demonstra o trecho a seguir, o autor se vale outra vez de expressões e gírias locais:

Rita Pavuna se manda. Tocando para os lados de lá do armazém 5-6, um pedaço pesado dos cantões do cais. Boca do inferno. Morte certa no porto – conforme se diz. Ali, até polícia à paisana mede distância, não esconde o medo. Ou respeita ou cai do cavalo. Rita se indo. Lá anda cabra traquejado. Otário, fariseu, mocosongo, Manoel e Zé Mané não têm o que fazer lá. É o que se diz. Rita andando (ANTÔNIO, 1968, s.p.).

Cada termo é incluído com apuro, para enriquecer o amplo vocabulário da reportagem. São novas palavras, vindas da boca dos personagens, mas também outras, do riquíssimo balaio linguístico popular de João Antônio. O ritmo da narrativa acompanha o da vida no porto, na mímica e no trabalho silencioso dos estivadores ou na gritaria das brigas de bar. O repórter sabe o efeito que quer causar e pouca coisa parece escapar de seu domínio.

Wolfe (2005) conclui seu estudo pelo recurso do *registro de detalhes que simbolizem o status de vida da pessoa dentro de uma cena*, mais uma ferramenta usada na reportagem. Aparece na descrição minuciosa de ambientes e de personagens, como nos trechos a seguir: “Um gordo correndo para a entrada do armazém 12, sacudindo banhas, abrindo caminho. Homens da estiva chegam de bicicleta, uma e outra motoneta” (ANTÔNIO, 1968, s.p.). Ou neste:

O Moinho Santista vizinhando velhos muros e quintais que parecem chácaras sem função. O apito da locomotiva da Companhia Docas de Santos. Vagões e cheiro sufocante de cereais. Homens de boina, bermudas esburacadas. Botecos sem mulheres. Mais água empoçada no meio-fio. Carros-tanque. Caminhões envergados de banana, café, milho, soja. Nas transversais, caminhões de todo o Brasil aguardando carga. Toras passam nos vagões abertos. Caixotes. Bananas. Milho esparramado entre os paralelepípedos, viaturas de socorro, rebocadores (ANTÔNIO, 1968, s.p.).

O *monólogo interior*, apontado por Hollowell, não é usado de modo tão claro como se vê em textos do *new journalism*, mas posso verificá-lo em algumas passagens de Rita e Odete, principalmente. Entretanto, é a *caracterização composta* que emerge, sobretudo na composição dos dois personagens principais, como em toda a gama de tipos do porto. Como opina Mylton Severiano, no *box* extraído da reportagem da revista **Brasileiros**, muitos personagens do texto, provavelmente, eram a fusão de várias pessoas, observadas na apuração de João Antônio.

Vale destacar também o uso de frases curtas, presente em todos os momentos da reportagem, fator bastante responsável pela estética poética de que se falou anteriormente. O autor chega a utilizar frases de uma só palavra, em algumas passagens, como nas citações dos nomes de bares e cabarés do cais. Com isso, causa no leitor a sensação de que está caminhando em frente a esses locais, numa evidente busca de dinâmica visual.

Há também que se falar sobre o enredo. Sodré (2009) afirma que é este recurso que integra os acontecimentos no relato. O cais santista apresenta um leque diversificado de tipos, a maioria consonantes com os perfis que João Antônio prefere representar em sua obra – em “Corpo-a-corpo com a vida” (ANTÔNIO, 1975), ele defende ser impossível se produzir uma literatura de heróis taludos num país em que os homens estão comendo rapadura e lutando para sobreviver. Estão ali as prostitutas, os estivadores, os moleques de rua e os descamisados de que fala o autor. No conto-reportagem, João Antônio desenvolve o enredo em torno das duas personagens principais, Rita Pavuna e Odete Cadilaque. Através dos pequenos episódios vividos pelas prostitutas, o repórter descreve toda a rotina e os cenários da vida no porto, dramatizando-os, ou seja, transformando-os em ações de vida.

Sodré (2009) ressalta as diversas variações narrativas que um texto jornalístico pode sofrer. No caso de “Um dia no cais”, a revista descreve, já na apresentação, que se trata de um conto-reportagem, isto é, uma forma híbrida de jornalismo e literatura. Com isso, João Antônio, conhecido e consagrado como escritor de contos, p de explorar sua verve, tomando maiores liberdades ficcionais. Não deixa de haver um contrato cognitivo entre

autor e leitor, porém, a verossimilhança do relato se torna mais importante do que a delimitação factual.

Análise da categoria *jornalismo como conhecimento* em “É uma revolução”

Esta é uma grande reportagem sobre um dos maiores clássicos do futebol brasileiro: Cruzeiro x Atlético-MG. Originalmente publicada na edição 32, de novembro de 1968, da revista **Realidade**, também reaparece no livro **Malhação do Judas Carioca** (1975). João Antônio conta tudo o que costuma acontecer em Belo Horizonte, em virtude do jogo entre os dois principais clubes da cidade, e todas as mudanças de hábitos provenientes da construção do estádio Mineirão.

Assim como na reportagem anteriormente analisada, o escritor se vale, agora por meio de intertítulos, de uma marcação das horas que antecedem e que atravessam a partida. João Antônio abre a matéria com um breve relato sobre a véspera do clássico: as provocações de torcedores de ambos os lados, em algumas regiões da cidade, as apostas sobre o resultado e outros números do jogo, e a descrição da expectativa de frequentadores de uma casa noturna.

A reportagem elenca sete jornalistas e um sociólogo que colaboraram com João Antônio, sendo que o texto teria sido escrito apenas por este. Como se viu, o assunto demandou uma ampla apuração, inclusive com algumas ações ocorrendo simultaneamente, e descritas em detalhes pelo texto. Acredita-se que esses jornalistas possam ter auxiliado principalmente nesse trabalho de apuração.

A reportagem é exemplar para a avaliação do critério que trata do *jornalismo como conhecimento*. A partir de um acontecimento *atual* – em 1968 – particular e marcante, como o clássico Atlético-MG x Cruzeiro, João Antônio consegue ampliar, e muito, a pauta jornalística que tem nas mãos, universalizando-a produzindo uma aprofundada análise das transformações sociais sofridas pela cidade de Belo Horizonte e seus habitantes, em função do futebol. A descrição por vários ângulos dos acontecimentos que dizem respeito à partida é pormenorizada. Há o clima da véspera do evento; os preparativos na data do clássico, desde as oito da manhã; as cerimônias que antecedem o jogo, que ocorrem no gramado; os gritos das torcidas, dentro do estádio; os times entrando em campo; as brigas de torcedores, o atendimento no posto de saúde no local; e o relato sobre o ambiente esvaziado e

silencioso que toma conta da cidade na hora do jogo, com poucas pessoas fazendo outras atividades.

Mais ainda, apresenta: informações históricas acerca da mudança de hábitos da população em função da construção do Mineirão; dados e números sobre as dimensões do estádio; um novo linguajar do povo, advindo do costume de acompanhar futebol; a rivalidade e as estatísticas sobre os confrontos entre os dois times; a análise de um psicanalista sobre o comportamento dos torcedores; as mudanças socioeconômicas, na vida dos mineiros com a ascensão de suas duas principais equipes e jogadores (ídolos); entre outras informações apuradas pelo repórter. Trata-se do *trabalho logotécnico*, de que fala Sodré (2009, p.59), de determinação das circunstâncias – “apuração dos detalhes, realização de entrevistas (...) Não raro, a determinação de um fato se deve a avaliações de natureza *extrafactual* (do tipo de análises jurídicas, políticas ou tecnológicas da situação em causa)”. É o processo de construção de um singular pela interpretação jornalística, descrito pelo autor, transformado no geral. Por meio dessa singularização, se demonstra o quanto de universal a informação tem, contextualizando-a espacial e historicamente, produzindo, assim, a forma aprofundada de conhecimento sobre a atualidade destacada por Sodré (2009), em decorrência de sua interpretação das ideias de Genro Filho (1987) – também trabalhadas por Meditsch.

Considerações

A produção de João Antônio, tanto no jornalismo, como na literatura, é prolifera e variada. Pode ser (e de fato é) analisada por muitos estudiosos brasileiros sob diversos enquadramentos. O presente estudo não tem por objetivo esgotar qualquer discussão sobre o tema. Muito pelo contrário. Quando da visita ao Acervo João Antônio, na cidade de Assis, no interior paulista, percebi melhor a dimensão do trabalho do escritor, sobretudo na área jornalística. Como muitos colegas de profissão de seu tempo – e de outras épocas, como minha pesquisa bibliográfica mostrou – João Antônio conjugou sua atuação na literatura com a atividade de repórter, praticamente durante toda a sua carreira.

É nítido que a obra **A narração do fato** (2009), de Muniz Sodré, contribuiu de modo marcante para que este estudo encontrasse um norte. No livro, Sodré resolve muitas dúvidas que tive, como pesquisador, sobre a construção do texto jornalístico-literário. Fornece, ainda, boas resoluções para os conflitos entre factualidade x ficcionalidade, realidade x

fabulação. O jornalismo se apresenta como uma formulação narrativa que utiliza recursos semelhantes à literatura – como o enredo, a intriga – mas também ferramentas que buscam produzir *efeitos de real* – valorizando o enunciado em detrimento da enunciação – e que se apoia num contrato cognitivo construído historicamente entre jornalista e leitor, que faz com que este se disponha a crer na versão oferecida pelo primeiro – as quebras desse contrato são condenadas de forma veemente pelo público e pelo meio profissional. A atividade jornalística produz um certo tipo de conhecimento – que pode ser aprofundado – calcado na atualidade e na singularidade (ou na singularização), diferente do conhecimento científico e próximo do senso comum, como também sustenta Eduardo Meditsch (1992).

É claro que não se pode resumir todas as nuances desses conceitos em um parágrafo. Mas ressalto que o trabalho não pretendia – desde que era apenas uma ideia, um projeto – focar-se na identificação de fronteiras entre jornalismo e literatura, ou entre realidade e ficção. O que busquei foi compreender os elementos que formam o texto jornalístico de João Antônio. Primeiramente, sua contextualização histórica, os autores e os movimentos que o influenciaram, as demais aproximações entre jornalismo e literatura, o cenário político e a cultura profissional vigentes à época, que permitiam que o autor pudesse criar sua maneira própria de fazer reportagens. Depois, tecnicamente, o sentido de apuração e produção textual.

A partir de estudos sobre jornalismo literário, pude observar que uma velha questão – talvez a mais importante – da área do jornalismo precisava ser analisada na produção joaoantoniana: o acontecimento. Ou ainda conceitos vizinhos, como fato e notícia. Procurei identificar como ocorre a formulação das pautas e a construção dos acontecimentos reportados pelo escritor. É a pergunta a que as teorias do jornalismo buscam responder: por que o que é noticiado é notícia? No caso das reportagens de João Antônio, examinadas, há pautas mais próximas do acontecimento enquanto ruptura ou descontinuidade de um estado das coisas, fora do texto, como sustentam alguns autores – ou da secundidade apontada por Ronaldo Henn (In BENETTI; FONSECA, 2010) – e há outras mais perto da terceridade (Ibid.), onde se dá a mediatização, ou seja, o âmbito da narração – ainda que se ressalte que até mesmo o primeiro tipo sofre um domínio narrativo quando da sua representação. Para Muniz Sodré (2009), no conceito de acontecimento fatores como a organização social do tempo, a marcação semiótica e a pontuação rítmica dos fatos, dadas segundo uma cultura profissional jornalística, que leva em consideração, em sua avaliação, aspectos como a capacidade de uma narrativa atrair o público e a hierarquização dos problemas ou das

situações, entre outros. Portanto, segundo suas ideias, procurei identificar por que os acontecimentos retratados por João Antônio eram *marcados* semioticamente, dentro da pontuação rítmica observada por Sodré. Que características da atuação jornalística – e aí entram aspectos como os valores-notícia, mas também a periodização e formato dos veículos, por exemplo – faziam com que esses fatos fossem eleitos para apuração e publicação? A possibilidade de gerar uma narrativa me pareceu ser uma resposta à altura, em muitos casos.

O segundo passo seria entender a construção da narrativa híbrida de João Antônio. Restou confirmado que o escritor não se guiava pelo padrão hegemônico norte-americano, com o uso de formas como o *lead* e a pirâmide invertida – esta é uma das razões básicas pelas quais sua atuação jornalística se destaca. Sodré (2009) já observara que, historicamente, muitos escritores-jornalistas subverteram essas regras. Quanto às classificações, as reportagens de João Antônio se encaixam perfeitamente, na maioria das vezes, em enquadramentos como o gênero diversional (In MELO; ASSIS, 2010) ou outros, que se inscrevem no chamado jornalismo literário. Para Sodré (2009), um ponto de convergência entre jornalismo e ficção literária reside na estética do realismo objetivo, comum a Hemingway, Wolfe ou ao próprio João Antônio. Esse é um viés possível para se avaliar as influências mútuas, aqui presentes.

Nesse sentido, é interessante observar como a maioria das reportagens examinadas apresentou técnicas narrativas usadas pelo *new journalism* – como a construção cena a cena, o registro de diálogos ou a descrição minuciosa de cenários – e também as estratégias de subjetivação e objetivação, apontadas por Motta (In LAGO; BENETTI, 2008). Ou, ainda, as variações narrativas levantadas por Sodré, como mudanças de ponto-de-vista, intervenções no enredo, uso de frases curtas, etc. Nada disso é impróprio ao jornalismo. Como forma simbólica que se vale da narrativa para realizar-se, a atividade jornalística exibiu, ao longo de toda a sua história, uma grande variedade de formatos e intervenções textuais, sem, com isso, descaracterizar-se. João Antônio experimentou, na sua produção jornalística – representada aqui pelas cinco reportagens analisadas – novos arranjos, inovações de texto e de apuração, pautas diferentes ou um distinto ponto-de-vista sobre temas consagrados. A intenção foi sempre, como em qualquer texto, atrair o leitor.

Quase todo pesquisador se preocupa que seu trabalho contribua para o aprimoramento da atividade que é objeto de seus estudos. Quando este ainda era apenas um projeto, pretendia responder como se construía os acontecimentos examinados e de que forma se

apresentavam esses relatos. Isto trazia apontamentos para o exercício do jornalismo, ainda que se tratasse apenas de um recorte da obra, datado de cerca de quarenta anos, de um dos tantos escritores-jornalistas brasileiros. Uma dúvida, contudo, persistia: para que serve a releitura e o estudo de reportagens publicadas nos anos de 1960 ou 1970, nos dias de hoje? É certo que o jornalismo mudou muito, sobretudo com a chegada de novas mídias e formatos. A reedição da mesma pauta de “Um dia no cais” (1968), quarenta anos depois, pela revista **Brasileiros**, pode sugerir uma resposta a essa pergunta. Motta (In LAGO; BENETTI, 2008) afirma que é através da narrativa que se adquire conhecimento objetivo e subjetivo do mundo. Foi quando do contato com a ideia do jornalismo como conhecimento que cheguei mais perto de uma solução para a questão. A leitura de Genro Filho (1987), que teve suas ideias mais desenvolvidas por Eduardo Meditsch (1992) e, posteriormente, colocadas sob o olhar de Sodré (2009), propõe que se enxergue o jornalismo como uma forma de conhecimento aprofundado da atualidade. Um conhecimento distinto da ciência – atento à singularidade e próximo do senso comum – que não se obteria de outra maneira.

O presente estudo procurou identificar essas propriedades como resultado do trabalho jornalístico de João Antônio. Todas as reportagens aqui avaliadas possuem a qualidade de ir além da superficialidade sobre os temas. A maioria delas pode ser lida nos dias de hoje, sem deixar de despertar o interesse do leitor, propiciando, além do mais, conhecimento acerca daqueles assuntos, no contexto em que foram levantados.

A análise sob as três categorias realiza uma jornada, que parte da reflexão sobre a construção das ideias de pauta e as razões pelas quais os acontecimentos são escolhidos e retratados pelo repórter; passa pelo modo e pela narrativa usados por ele para executar esse enquadramento – para contar as histórias; e termina por abordar uma maneira possível de interpretação dos relatos, a ideia de jornalismo como forma de conhecimento.

Num período de transição, em que novas formas de se obter informações parecem colocar o jornalismo em xeque, as três categorias aqui estudadas relembram que sempre existirão narrativas; que o jornalismo é uma forma narrativa – que guarda diferenças e semelhanças com outras formas, como a histórica ou a literária; que o conhecimento humano é adquirido por meio delas; e que o registro dos acontecimentos se insere no registro afetivo do mundo, organizando a temporalidade do homem e influenciando-o pela sensibilidade. Ou seja, mudam os formatos e as plataformas, mas o jornalismo permanece. Portanto, ainda há espaço para que suas características essenciais sejam estudadas.

Referências

- ANTÔNIO, João. **Malhação do Judas Carioca**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1975.
- _____. **Casa de loucos**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1976.
- _____. **Dama do Encantado**. São Paulo: Nova Alexandria, 1996.
- _____. **Dedo-duro**. São Paulo: Cosac Naify, 2003.
- _____. **Malagueta, Perus e Bacanaço**. São Paulo: Cosac Naify, 2004.
- _____. **Contos reunidos**. São Paulo: Cosac Naify, 2012.
- BELTRÃO, Luiz. **A imprensa informativa: técnica da notícia e da reportagem no jornal diário**. São Paulo: Folco Masucci, 1969.
- BELTRÃO, Luiz. **Jornalismo interpretativo**. Porto Alegre: Sulina, 1976.
- BENETTI, Marcia; FONSECA, Virginia (org.). **Jornalismo e acontecimento: mapeamentos críticos**. Florianópolis: Insular, 2010.
- BULHÕES, Marcelo. **Jornalismo e literatura em convergência**. São Paulo: Ática, 2007.
- CHARAUDEAU, Patrick. **Discurso das mídias**. São Paulo: Contexto, 2007.
- COSTA, Jônatas Oliveira da. **Acontecimento, narrativa e conhecimento no jornalismo: um estudo sobre a reportagem de João Antônio**. 2014. Dissertação de Mestrado em Comunicação Social. Programa de Pós-graduação em Comunicação Social, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2014.
- COSTA, Jônatas Oliveira da. **O jornalismo de João Antônio: Um corpo-a-corpo com a vida**. 2010. Trabalho de Conclusão de curso (Graduação em Jornalismo) - Faculdade de Comunicação Social, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2010.
- GENRO FILHO, Adelmo. **O segredo da pirâmide: Para uma teoria marxista do jornalismo**. Porto Alegre: Tchê, 1987.

HOHLFELDT, Antonio. **Trilogia da campanha**: Ivan Pedro de Martins e o Rio Grande invisível. Porto Alegre: EDIPUCRS, 1998.

HOLLOWELL, John. **Realidad y ficcion**: El Nuevo Periodismo y la novela de no ficcion. México, D.F.: Noema, 1977.

LACERDA, Rodrigo. **Pingentes**: João Antônio e Lima Barreto. Disponível em <http://www.rodrigolacerda.com.br/pingentes-joao-antonio-e-lima-barreto>, acesso em 12 de setembro de 2013.

LAGO, Cláudia; BENETTI, Marcia (org.). **Metodologia de pesquisa em jornalismo**. Petrópolis: Vozes, 2008.

LEAL, Bruno; ANTUNES, Elton; VAZ, Paulo Bernardo (org.). **Jornalismo e acontecimento**: percursos metodológicos. Florianópolis: Insular, 2011.

LUKÁCS, Georg. **Introdução a uma estética marxista**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1978.

MARÃO, José Carlos; RIBEIRO, José Hamilton. **Realidade re-vista**. Santos: Realejo, 2010.

MEDITSCH, Eduardo. **O conhecimento do jornalismo**. Florianópolis: UFSC, 1992.

MEDITSCH, Eduardo. **Pedagogia e pesquisa para o jornalismo que está por vir**: a função da universidade e os obstáculos para a sua realização. Florianópolis: Insular, 2012.

MELO, José Marques de. **Jornalismo opinativo**: Gêneros opinativos no jornalismo brasileiro. Campos do Jordão: Mantiqueira, 2003.

MELO, José Marques de; ASSIS, Francisco de (org.). **Gêneros jornalísticos no Brasil. São Bernardo do Campo: Universidade Metodista de São Paulo, 2010.**

OLINTO, Antonio. **Jornalismo e literatura**. Rio de Janeiro: Edições de Ouro, 1968.

RAMOS, Ricardo. Comentário crítico. Disponível em <http://www.assis.unesp.br/#!/cedap---centro-de-documentacao-e-apoio-a-pesquisa/acervo-do-cedap/acervo-joao-antonio/comentarios-criticos/>. Acesso em 4 de setembro de 2013.

REUTER, Yves. **A análise da narrativa**: o texto, a ficção e a narração. Rio de Janeiro: DIFEL, 2002.

RIBEIRO, Lavina. **Imprensa e espaço público**: A institucionalização do jornalismo no Brasil (1808-1964). Rio de Janeiro: E-Papers, 2004.

SODRÉ, Muniz. **A narração do fato**: notas para uma teoria do acontecimento. Petropolis: Vozes, 2009.

TALESE, Gay. **Fama e anonimato**. Rio de Janeiro: Companhia das Letras, 2004.

VILAS BOAS (org.). **Jornalistas literários**. São Paulo: Summus, 2007.

WOLFE, Tom. **Radical Chique e o Novo Jornalismo**. São Paulo: Companhia das Letras, 2005.